

18

2 0 1 8

**Revista
de História
da Sociedade
e da
Cultura**

CENTRO DE HISTÓRIA
DA SOCIEDADE E DA CULTURA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Tutankhamon em Portugal: relatos na imprensa portuguesa (1922-1939). A revista *Diónysos*, Humberto Pinto de Lima e Tutankhamon

Tutankhamun in Portugal: reports in the Portuguese press (1922-1939). The journal Diónysos, Humberto Pinto de Lima and Tutankhamun

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES

(Universidade Aberta; CHUL)

Jose.Sales@uab.pt

SUSANA MOTA

(CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

susana-mota@hotmail.com

Texto recebido em / Text submitted on: 22/09/2017

Texto aprovado em / Text approved on: 27/11/2017

Resumo: A descoberta do túmulo de Tutankhamon, em 1922, foi noticiada pela imprensa internacional, de forma inusitada, tornando este faraó e o arqueólogo responsável pelo achado sobejamente conhecidos de milhões de leitores. Ironicamente, Tutankhamon era um dos faraós menos conhecidos da história egípcia e Howard Carter um arqueólogo sem créditos firmados que, assim, literalmente de um dia para o outro, passaram da obscuridade para as páginas dos periódicos. Na imprensa portuguesa, a partir de 1925, a revista *Diónysos* reservou espaço em três números para pequenos ensaios, genericamente intitulados “Quem era Tutankhamen”, da autoria de Humberto Pinto de Lima, então assistente de Ciências Históricas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Neste artigo apresenta-se uma análise detalhada desses textos, relevando o domínio científico das problemáticas pelo Autor e o seu contributo para a discussão dos temas de história egípcia entre nós.

Palavras-chave: Recepção, Tutankhamon, revista *Diónysos*, Humberto Pinto de Lima.

Abstract: The discovery of Tutankhamun's tomb, in 1922, was reported, in an unusual way, by the international press, making this pharaoh and the archaeologist responsible for the finding very well known to millions of readers. Ironically, Tutankhamun was one of the less known pharaohs of ancient Egypt's history and Howard Carter an archaeologist without consolidated credits that suddenly went from obscurity to the pages of the periodicals. In the Portuguese press, from 1925, the journal *Diónysos* reserved a space, in three numbers, to small essays generically entitled “Quem era Tutankhamen”, by Humberto Pinto de Lima, at the time an Assistant in Historical Sciences of the Faculty of Letters of the University of Porto. In this article a detailed analysis of those texts is presented, revealing the scientifically domain of the author of the problematics and his contribution to the discussion of the themes of Egyptian history among us.

Keywords: Reception, Tutankhamun, journal *Diónysos*, Humberto Pinto de Lima.

Entre março de 1912 e abril de 1928 publicou-se, em Portugal, a revista *Dionysos. Revista Mensal de Philosophia, Scienza e Arte*. A publicação conheceu quatro séries (as duas primeiras editadas em Coimbra, pela Casa Minerva, e as restantes no Porto, pela Companhia Portuguesa Editora, Lda), sob a direção de Aarão de Lacerda e João de Lebre e Lima (série 1), Aarão de Lacerda e Raul Martins (série 2) e Aarão de Lacerda (3.ª e 4.ª séries), tendo, em 1913 (série 2), atualizado a grafia do título (*Diónyssos*) e, a partir de 1925 (3.ª série), mudado a periodicidade indicada no subtítulo e modernizado a palavra «Philosophia», passando a ser *Diónyssos. Revista Bimestral de Filosofia, Scienza e Arte*¹.

Como explicitamente se indicava no topo da página de informação técnica de cada número, a revista pretendia apresentar-se como um contributo inovador no panorama académico-científico português, declarando como manifesto de ação:

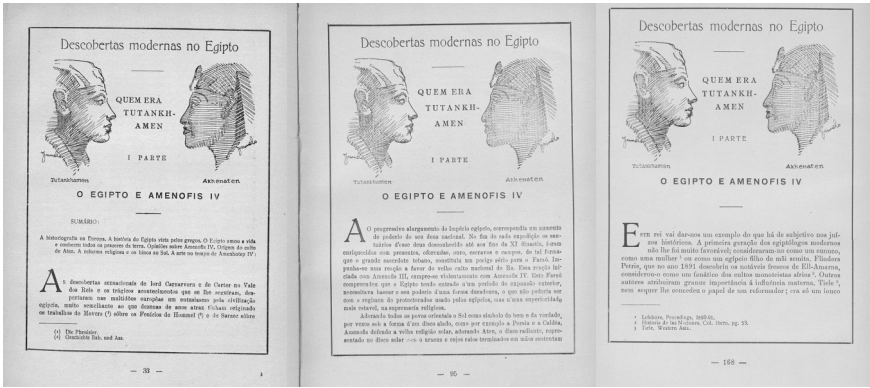
Synthese do movimento intelectual contemporâneo: o pragmatismo e as novas correntes philosophicas. Chronicas de sociologia, historia e arte. Artigos de esthetica musical e artes plásticas (esthetica regionalista). As Ideias e os Factos. Estudos de índole especulativa. Literatura e Poesia.

É nesta revista que são publicados três ensaios assinados por Pinto de Lima, genericamente intitulados *Descobertas modernas no Egipto. Quem era Tutankhamen – I Parte. O Egipto e Amenofis IV*², suscitados pela então recente descoberta do túmulo de Tutankhamon, no Vale dos Reis, por Howard Carter e Lord Carnarvon. O primeiro texto, com 5 páginas (33-37), foi publicado em 1925 (3.ª série, n.º 1, julho), o segundo, com 6 páginas (95-100), no mesmo ano (3.ª série, n.º 2, outubro), e o terceiro já em 1926 (3.ª série, n.º 3, maio), com 5 páginas (168-172).

Todos os ensaios abrem com dois esboços dos perfis dos rostos de Tutankhamon, à esquerda, e Akhenaton, à direita, sempre designados pelo Autor como «Tutankhamen» e «Akhenaten», sobre os quais aparece a assinatura manuscrita «Jarmelo» (Lima 1925a: 33; 1925b: 85 e 1926: 168).

¹ A revista encontra-se disponível na Biblioteca da Universidade de Coimbra (UCBGRP-8-18).

² É preciso mencionar que há um quarto trabalho publicado na *Diónyssos* relativo ao antigo Egipto: trata-se do texto de Aarão Lacerda, historiador de arte e diretor da revista, publicado na 4.ª Série, n.ºs 1-2, em abril de 1928, 42-48. Embora sob o signo da Egiptologia, este artigo não é da autoria de Pinto de Lima nem deriva diretamente da descoberta do túmulo de Tutankhamon, não sendo, por isso, tratado nesta nossa abordagem.

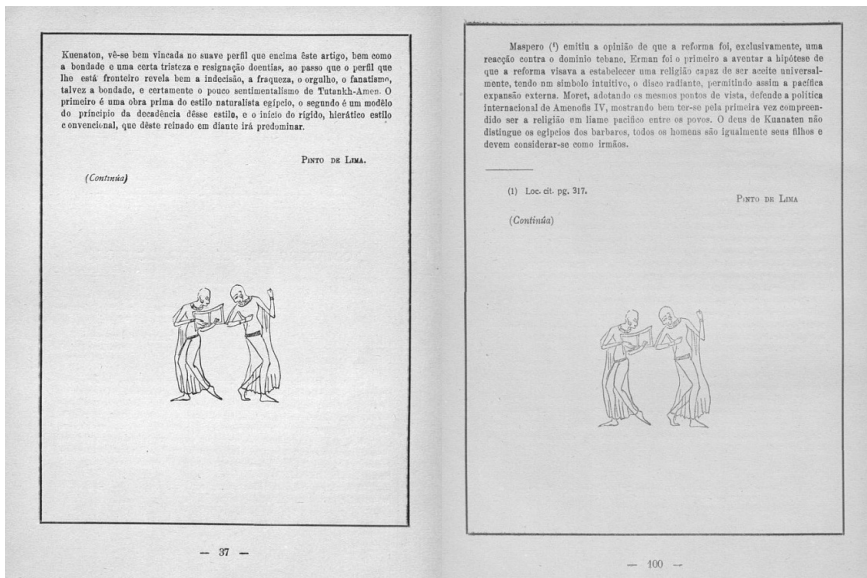


Figs. 1-3. Esboços desenhados dos perfis dos rostos de Tutankhamon, à esquerda, e Akhenaton, à direita. Página inicial de cada um dos três números da *Diônyssos* (série 3, n.º 1, julho 1925, p. 33; n.º 2, outubro 1925, p. 95; n.º 3, maio 1926, p. 168).



Fig. 4. Ampliação dos esboços.

Na página final dos dois textos de 1925, o espaço em branco é preenchido com uma ilustração, sem qualquer legenda, de duas bailarinas, de cabeças rapadas, tocando uma delas um tamborim rectangular (Lima 1925a: 37 e 1925b: 100).



Figs. 5-6. Ilustração na página final dos textos de 1925 (série 3, n.º 1, julho 1925, p. 37; n.º 2, outubro 1925, p. 100).



Fig. 7. Ilustração ampliada.

Em nenhum dos números em causa da *Diónyos* se fornecem quaisquer informações sobre esta figura. No entanto, estamos seguramente perante a imagem observada e retirada da obra de Gustave Le Bon, *Les Premières Civilisations*, de 1889, editada em Paris pela Ernest Flammarion, que Pinto de Lima menciona no seu primeiro texto. Trata-se do aproveitamento da parte central da fig. 73, p. 155, daquela obra, legendada como *Danseurs égyptiens, joueurs et joueuses d'instruments. D'après Champollion et Wilkinson (Peintures de Thèbes du quinzième siècle avant notre ère)*³.

³ Gustave Le Bon (1841-1931) dedicou um livro inteiramente à civilização egípcia (livro III, 10 capítulos, pp. 191-458). A obra, com 820 pp., era ilustrada com 443 figuras: 333 reproduções, 41 restituições, 60



Fig. 8. Figura 73 da obra de Gustave Le Bon, *Les Premières Civilisations*, de 1889, p. 155.

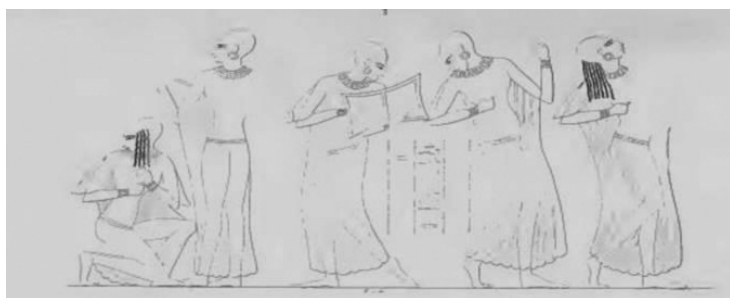


Fig. 9. Pl. CLXXV da obra de Jean-François Champollion, *Monuments de l'Égypte et de la Nubie d'après de dessins exécutés sur les lieux sous la direction de Champollion le jeune et des descriptions autographes qu'il a laissées*, vol. II, Paris: Firmin-Didot, 1835.



Fig. 10. Ilustração da obra de Sir John Gardner Wilkinson, *The manners and customs of the Ancient Egyptians*, vol. I, New York: Dodd, Mead and Company Publishers, de 1878, p. 501.

fotografuras, 9 fotografias tiradas nos locais ou a partir de documentos autênticos. Em relação à menção da legenda «D'après Champollion et Wilkinson», a obra de Jean-François Champollion subjacente a esta referência é *Monuments de l'Égypte et de la Nubie...*, de 1835 (pl. CLXXV). A obra de Sir John Gardner Wilkinson em causa, mais recente, de 1878, era *The manners and customs of the Ancient Egyptians*, vol. I, 501.

Pinto de Lima (1902 – 1984), o Autor dos textos de seu nome completo Humberto Pinto de Lima, acabara de se licenciar (1 de novembro de 1924) em Ciências Histórico-Geográficas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com 19 valores (Pina 1966: 151)⁴. Pelas Atas do Conselho Escolar dessa Faculdade (sessão n.º 72, de 17 de fevereiro de 1925), sabemos que, sob proposta do Prof. Damião Peres, fora proposto para assistente do 4.º grupo (Ciências Históricas), o que o Conselho deferiria na sessão n.º 76, de 31 de julho de 1925, o mês em que foi justamente publicado na *Diónyssos* o primeiro dos três textos (Pina 1966: 106, 107).

Nas mesmas atas apuramos que lhe foi entregue a regência da cadeira de Geografia Política e Económica (sessão n.º 81, de 16 de novembro de 1925), tinha já ele publicado no mês anterior, em outubro, o texto do n.º 2 da 3.ª série da *Diónyssos* (Pina 1966: 108). Quatro meses depois de publicar o seu terceiro ensaio na revista dirigida por Aarão Lacerda, seu colega na Faculdade de Letras do Porto, ocorre a sua recondução na cadeira (sessão n.º 92, de 4 de setembro de 1926). Há registos da sua vida académica pelo menos até 1929, lecionando Antropologia Geral (1927), Geografia Política Económica (1928) e Arqueologia (1929) – (Pina 1966: 110, 123, 127, 128 e 13).



Fig. 11. Ano letivo 1927-1928, Faculdade de Letras do Porto. 1.ª fila, sentado à esquerda, Humberto Pinto de Lima, professor de História Antiga.

⁴ Vide https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=18282 consultado em 28/08/2017.



Fig. 12. Ampliação da foto de Humberto Pinto de Lima.

A partir de 1932 vamos encontrar Humberto Pinto de Lima dedicado a funções diplomático-consulares, como cônsul de Portugal em Nairóbi (1932), como gerente do consulado no mesmo local (1937-1938) e como cônsul em São Francisco (1944). Em 1959 é cônsul-geral de Portugal em Salisbury (Zimbabué), para, no ano seguinte, ser cônsul-geral em Tãnger, e em 1962-1964 ocupar o lugar de embaixador português em Brazzaville (Congo) – (Souto 2013: 146)⁵.

Os Egípcios, Tutankhamon, Amenhotep IV e a tradução do *Hino a Aton*

No «Sumário», que publica a abrir o texto de julho de 1925, Pinto de Lima explicita os pontos elegidos para a sua tripla explanação:

A historiografia na Europa. A história do Egipto vista pelos gregos. O Egipto amou a vida e conheceu os prazeres na terra. Opiniões sobre Amenofis IV. Origem do culto de Aton. A reforma religiosa e os hinos ao Sol. A arte no tempo de Amenhotep IV⁶ (Lima 1925a: 33).

Inicia o primeiro artigo com a menção daquilo que esteve na base do seu trabalho e da sua reflexão: a descoberta do túmulo de Tutankhamon (1922) e a morte de Lord Carnarvon ocorrida dois anos antes da publicação dos seus textos (5 de abril de 1923), ambas profundamente noticiadas pela imprensa na Europa e em Portugal:

As descobertas sensacionais de lord Carnarvon e de Carter no Vale dos Reis e os trágicos acontecimentos que se lhe seguiram, despertaram nas multidões européas um entusiasmo pela civilização

⁵ Vide https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=18282 consultado em 28/08/2017.

⁶ Trata-se da única vez em que Pinto de Lima grafa “Amenhotep IV”, preferindo sempre ao longo dos seus três artigos a forma “Amenofis IV”.

egípcia, muito semelhante ao que dezenas de anos atrás tinham originado os trabalhos [...] de Champollion e de Mariette. (Lima 1925a: 33)

Esta afirmação de abertura é acompanhada de indicações bibliográficas em notas de rodapé: de Jean-François Champollion referem-se *L’Égypte sous les Pharaons*⁷ e *Lettre a M. Dacier*⁸, obras de 1814 e 1822, respetivamente, mas cujos anos ou local de edição não são mencionados; de Auguste Mariette são listadas três obras (*Notice des Principaux Monuments*⁹, *Les Listes Géographiques des Pylones de Karnak*¹⁰ e *Lettres et Souvenirs*)¹¹, sem, porém, igualmente, indicar as respetivas datas ou locais de publicação.

Pode dizer-se que o “entusiasmo pela civilização egípcia” atingiu também Pinto de Lima e que o compeliu à reflexão sobre o Egito do Império Novo (*O Egito e Amenofis IV*), quando existiram os faraós “Akhenaten” e “Tutankhamen”, fazendo-o com a sustentação e erudição académica própria do seu tempo.

O seu discorrer sobre o Egito e as figuras de “Amenofis IV” e “Tutankhamen” é enquadrado por uma série de pressupostos em que destaca algumas das ideias fortes de *A historiografia europeia*, como indica no sumário. Na senda da obra *Decadência do Ocidente* do historiador alemão Oswald Spengler (1880-1936)¹², vê o entusiasmo então existente pela história como uma das principais características da civilização ocidental (Lima 1925a: 34)¹³.

Na visão de Pinto de Lima, a antiga cultura egípcia encontrava-se entre as que se desenvolveram como núcleos de assinalável civilização, perdurando ao longo de vários séculos, acabando por conhecer, por motivos vários, segundo o modelo interpretativo de O. Spengler, o inevitável esfacelamento e desaparecimento:

⁷ O título completo desta obra de Champollion, publicada em Paris, em 1814, é *L’Égypte sous les Pharaons, ou recherches sur la géographie, la religion, la langue, les écritures et l’histoire de l’Égypte avant l’invasion de Cambyse*.

⁸ O título completo desta obra, também publicada em Paris, considerada o texto fundador da decifração dos hieróglifos egípcios e das suas significações lineares, é *Lettre à M. Dacier relative à l’alphabet des hiéroglyphes phonétiques employés par les Égyptiens pour inscrire sur leurs monuments les titres, les noms et les surnoms de souverains grecs et romains* (Sales 2001: 198, 199; Goyon 1989).

⁹ O título completo desta obra, editada em Paris, em 1869, é *Notice des principaux monuments exposés dans les galeries provisoires du Musée d’Antiquités Égyptiennes de S.A. le vice-roi A. Boulaq*.

¹⁰ Também com um extenso título (*Les Listes Géographiques des Pylones de Karnak Comprenant La Palestine, L’Ethiopie, Le Pays des Somâl*), esta obra foi publicada em 1875, em Leipzig.

¹¹ Já do século XX (1904), o título completo desta obra publicada em Paris era *Lettres et Souvenirs personnels (avec un portrait de Mariette Pacha)*.

¹² Do original *Der Untergang des Abendlandes*, de 1918-1922. A obra é também designada em português pelo título *O Declínio do Ocidente* (Gomes 2011: 1, 2).

¹³ Sobre a obra de Spengler, a própria *Diónyssos* publicaria um texto de Agostinho da Silva, em 1928 (4ª série, n.º 1/2, 1-15).

As culturas ou originam áreas de civilização ou nascem nos limites de outras culturas. As primeiras, realizado o anelo cósmico, marcado pelo seu horizonte histórico-geográfico, enquistam-se, o seu desenvolvimento estaciona, e esperam pelo alongar dos séculos ou a sua desapareição ou o despedaçamento do seu horizonte devido a energias externas. Eis como devemos compreender a história da China, do Egito, da Caldéia e da Índia. (Lima 1925a: 34)

Quando aborda o tópico seguinte do seu sumário (*A história do Egito vista pelos gregos*), Pinto de Lima critica os europeus por encetarem o estudo do antigo Egito imbuídos do espírito helénico, nomeadamente através dos relatos de Heródoto, o que, na sua opinião, dificulta a compreensão histórica e explica o relativo desconhecimento existente sobre o “povo construtor das pirâmides”:

Os europeus, ao encetarem o estudo das maravilhosas ruínas do vale do Nilo, fizeram-no imbuídos do espírito helénico, o povo mais a-histórico, na opinião de Spengler, e isso explica o desconhecimento em que até há pouco era tido o carácter do povo construtor das pirâmides. Habitados a estudá-lo sôb o aspecto que Heródoto o mostrou, o Egito era considerado como um povo tendo sempre a imagem da morte sôb os olhos, perseguido pela idêa do Além, dominado por um politeísmo estranho, desprezando a vida e a natureza, criando por isso uma arte sóbria, austera, de linhas pesadas, contornos maciços, figuras hieráticas, sempre absorvidos pelo mistério esfíngico do mais além da vida. (Lima 1925a: 35)

Como menciona de seguida, este panorama traçado pela historiografia não resistia ao confronto com os documentos egípcios (“as inscrições de Unas”, “os frescos d’Ell-Amarna” e “os textos de Ptah-hotep” que ele aponta — Lima 1925a: 35):

É certo que tinham sempre a imagem da morte sob os olhos; mas souberam tirar-lhe o que ela tem de horrível, embelezando-a, porque o egípcio amava com transporte o prazer. As assembleias, os festins, as alegres reuniões, a dança, a música, a conversação, os jogos, a pompa das cerimónias religiosas, toda a espécie de espectáculo ou de diversão em comum divertia-o. (Lima 1925a: 34, 35)

Pinto de Lima não baseia estas afirmações na sua «intuição», mas anota em rodapé a obra de G. le Bon, *Les Premières Civilisations*, uma vez mais sem indicação de data, local e páginas¹⁴. É, pois, através deste autor francês que, citando Ptah-hotep, alista no sumário o item *O Egito amou a vida e conheceu todos os prazeres da terra*.

A partir daqui o texto de Pinto de Lima desenvolve-se através de «oposições argumentativas»: ao Egito abstrato descrito pelos Gregos, “de dogmas rígidos, cultos formidáveis e dos cerimoniais complicados (...) sempre confinado a uma determinada sociedade, aos colégios sacerdotais, ao Faraó e aos grandes dignatários”, opõe o Egito “amante da vida jovial e amável”, “livre, social, alegre” (Lima 1925a: 36). Exemplifica este Egito prazenteiro e requintado com “o Scheik-al-Beled e as colheres de perfumes”¹⁵, e data-o do período que vai dos “Shenshu-Hor”¹⁶, ou seja, desde as míticas épocas da história do Egito, até Amenófis IV, no Império Novo.

No mesmo registo antitético, opõe “Amenofis IV” e “Tutankh-Amen”¹⁷, que classifica de “sôgro e genro” e personificações dos “dois polos opostos da vida egípcia”. Para ele, Amenófis IV é alguém que “sonha com um Egito maior, tendo um domínio externo mais estável, procurando para isso tornar-se o chefe religioso de toda a Ásia Ocidental”, baseando toda a sua política internacional num “culto abstracto, comum a todo o Oriente desde a Índia até aos povos asiáticos: o culto do disco solar, Aten” (Lima 1925a: 36). Desta vez, serve-lhe de referência bibliográfica “Moret, *Des Clans aux Empires*, pag. 341”¹⁸. Segundo ele, o reinado de Amenófis IV foi “artística e literariamente o mais brilhante da longa série de dinastias egípcias, explicando-se esse grande desenvolvimento do espírito de então pela liberdade e vida que revela o culto por ele introduzido” (Lima 1925a: 36).

¹⁴ Vide nota 3.

¹⁵ Refere-se à estátua do «sacerdote-leitor chefe» Kaaper, que viveu em Mênfis, c. de 2500 a.C., vulgarmente conhecido como Cheikh el-Beled, descoberta por A. Mariette, em Sakara, em 1860. Hoje encontra-se no Museu Egípcio do Cairo (CG 34). As «colheres de perfumes» eram usadas para cosméticos (unguentos, óleos e perfumes). As formas destes pequenos objectos (de 15 a 30 cm) variam de acordo com a imaginação e a sensibilidade do escultor. A expressão serena e durável que as figuras femininas apresentam, a delicadeza dos seus contornos, a perfeição anatómica dos animais representados, os temas tratados (a apanha de nenúfares, a natação, a música, etc.) fazem destas produções requintados objectos artísticos em madeira.

¹⁶ Designação que no domínio da Egíptologia classifica os chamados «Seguidores de Hórus», concetualmente uma série de reis míticos que governaram o Egito depois dos deuses e antes dos faraós, ajudando Hórus nas suas lutas com Set, mencionados, por exemplo, no *Cânone Real de Turim*.

¹⁷ Ao contrário do que acontece na folha de rosto deste texto, junto ao desenho do perfil do rosto do faraó (e depois nos dois seguintes), em que prefere a forma “Tutankhamen”, no corpo do texto usa sempre a forma “Tutankh-Amen” (3 vezes) — Lima, 1925a: 36 e 37.

¹⁸ A referência correta e completa é Alexandre Moret e Georges Davy, *Des Clans aux Empires: l'organisation sociale chez les primitifs et dans l'Orient ancien*, 1923 (Moret e Davy 1923).

Por sua vez, Tutankhamon é “que destruirá o culto de Aten (derivado do velho culto nacional de Ra) e que facilita o advento de uma família querida do sacerdócio tebano” (Lima 1925a: 36). Para o nosso Autor, Tutankhamon, que, erradamente, coloca na XIX dinastia, é um “exclusivista, preso ao culto restrito tebano”, que protegeu os artistas “que souberam criar as maravilhas que surpreenderam os felizes descobridores do seu túmulo em Biban-el-Muluk”¹⁹ (Lima 1925a: 36).

Justificando os perfis dos dois faraós desenhados no início do artigo e sem disfarçar a clara preferência por Amenófis IV/Akhenaton, Pinto de Lima escreve a terminar o seu primeiro trabalho:

A forte vida interior, a independência de intelecto e a coragem moral, capaz de arrostar com o poderio dos sacerdotes de Tebas, e que tanto distingue Kuenaton²⁰, vê-se bem vincada no suave perfil que encima êste artigo, bem como a bondade e uma certa frieza e resignação doentias, ao passo que o perfil que lhe está fronteiro revela bem a indecisão, a fraqueza, o orgulho, o fanatismo, talvez a bondade, e certamente o pouco sentimentalismo de Tutankh-Amen. O primeiro é uma obra prima do estilo naturalista egípcio, o segundo é um modelo do princípio da decadência dêsse estilo, e o início do rígido, hierático estilo e convencional, que deste reinado em diante irá predominar. (Lima 1925a: 36, 37)

No segundo ensaio, Pinto de Lima centra-se no faraó Amenófis IV e no Egito do seu tempo, cumprindo assim outro tópico do seu sumário (*Opiniões sobre Amenofis IV*). Destaca, primeiramente, a sua violenta ação contra o sacerdócio egípcio, que na sua opinião terá sido iniciada por Amenófis III. Explica essa ação contra o velho culto nacional de “Ra” como resultado do sério perigo que este constituía para o faraonato (pelo aumento de poderio e enriquecimento material resultante do alargamento do Império egípcio) e pela intenção de alcançar o domínio sobre os territórios exteriores não através do existente regime de protetorados, mas de uma superioridade baseada na supremacia religiosa (Lima 1925b: 95). Daí o estabelecimento de um novo culto de carácter solar:

Adorando todos os povos orientais o Sol como símbolo do bem e da verdade, por vezes sob a forma d’um disco alado, como por

¹⁹ «Biban el-Muluk», «Portas dos Reis», é a designação em árabe para o Vale dos Reis, em Tebas Ocidental.

²⁰ Designação usada para Akhenaton.

exemplo a Persia e a Caldéa, Amenofis defende a velha religião solar, adorando Aten, o disco radiante, representado no disco solar com o uraeus e cujos raios terminados em mãos sustentam cruzes ansadas símbolo da vida, e levam oferendas que lhe são dedicadas. Esta imagem não foi introduzida com Amenofis IV; já aparecera no reinado anterior, desaparecendo completamente depois dos reis heréticos. (Lima 1925b: 95, 96)

O novo deus “Aten” destitui o “poderoso deus tebano” e, naturalmente, “o ouro da Síria deixa de afluir ao templo de Amen, e o seu grande sacerdote já não é o conselheiro rial” (Lima 1925b: 96). Destas considerações iniciais de Pinto de Lima destacam-se a afirmação de que o deus nacional tebano era um “deus desconhecido até aos fins da XI dinastia” (Lima 1925b: 95) e de que as riquezas provenientes da expansão territorial egípcia da época de Amenófis IV (“presentes, oferendas, ouro, escravos e campos” — Lima 1925b: 95) eram canalizadas para o grande deus de Tebas. São informações historicamente corretas, certamente recolhidas na bibliografia consultada.

O mais substantivo deste segundo trabalho de Pinto de Lima, sob a alínea *A reforma religiosa e os hinos ao Sol* que enumerou no sumário, é o que vem a seguir e que nós hoje, situados noutra momento do tempo, podemos reconhecer e avaliar: a primeira tradução para português do *Hino a Aton*²¹. Não o faz a partir de originais egípcios, mas sim de abalizadas obras da sua época, de que dá conta em nota de rodapé, informando os leitores do processo metodológico usado:

Esta tradução foi elaborada, segundo trechos reproduzidos por Moret, *Rois et Dieux de l'Égypte*, pp. 62; Id. *Des Clans aux Empires*, pg. 345, Maspero, *Hist. des Peuples de l'O.* Vol. II, pg 320, Lagier, *L'Égypte Mon. et Pit.* pg. 102, Naville, *La Religion Egyptienne* pg. 131, e Petrie, *Hist. de las Naciones*, trad. Ibern. pg. 32. (Lima 1925 b: 96, nota 1)

Registe-se, neste caso, a preocupação de rigorosamente indicar as páginas onde constam os trechos-base consultados para a tradução realizada. O Autor é claramente devedor da Egiptologia francesa de finais do século XIX/início do século XX e das suas produções. A obra de Alexandre Moret a que alude (*Rois et Dieux d'Égypte*), é de 1911, editada, em Paris, por A. Colin; *Des Clans aux Empires*, do mesmo autor, como vimos, também foi publicada em Paris

²¹ Vide a tradução integral em causa em anexo a este texto.

(editora la Renaissance du Livre, 1923). No caso de Gaston Maspero, o volume citado da *Histoire ancienne des Peuples de l'Orient classique*, publicado em Paris pela Librairie Hachette, é um pouco anterior, de 1897; A publicação de *L'Egypte monumentale et pittoresque. Notes de voyage*, de Camille Lagier, é, por sua vez, de 1914 (1.^a ed.) e de 1922 (2.^a ed.), editadas em simultâneo em Bruxelas e em Paris, pelas Vromant C^o e Imprimeurs-Éditeurs, respetivamente. No caso da obra de Édouard Naville, o título correto é *La religion des anciens Égyptiens*; obra publicada em Paris, por Ernst Leroux Editeurs, em 1906²². No caso da obra de Flinders Petrie citada, trata-se, como é indicado, de uma tradução, neste caso em espanhol²³.

Sobre o hino solar em causa, o nosso Autor reconhece a sua “expressão grandiosa, e delicada inspiração” (Lima 1925b: 98) e destaca os três aspetos mais relevantes que, na sua opinião, ele contempla: o faraó considerar-se igual à sua esposa; a menção aos países estrangeiros anteceder a que é feita ao Egito e a identificação de «Aten» como “deus todo poderoso” do Egito (Lima 1925b: 98). O aspecto mais significativo que retira do hino é, porém, a política internacional que Amenófis IV procurava ao “adorar um deus comum á Nubia, á Síria e ao Egito, do qual ele era o único intérprete consciente, senhor de toda a verdade” (Lima 1925b: 99).

Pinto de Lima alude ainda à *damnatio memoriae* a que o deus tebano Amon foi votado (“O deus tebano foi perseguido, o seu nome foi picado em todos os monumentos, o que equivalia a uma verdadeira morte” — Lima 1925b: 99) e sublinha a excecionalidade de tal ato (“A perseguição só recaiu sobre Amon” — Lima 1925b: 99).

Embora usando uma citação onomástica quase incompreensível, sobretudo para os menos familiarizados com a terminologia hieroglífica transcrita, o docente de História menciona igualmente um dos traços mais marcantes associados ao faraó Amenófis IV, isto é, a conhecida alteração do seu nome: “(...) e o rei cujo nome d’Horus era Amenotpu Nofirkhopirati Uânri, transforma o seu nome em Knenaten Neb-hopr Ra” (Lima 1925b: 99; Beckerath 1999: 142).

Em boa transcrição, temos a transformação de *Amenhotep Neferkheperuré-uaenré*

²² Sobre estes autores Vide Bierbrier (1995).

²³ O original inglês de Flinders Petrie, cap. I (*The Egyptians*, 1-68) da *Hutchinson's story of the nations*, de c. de 1920, publicada em Londres pela Hutchinson & Co. (Publishers) Ltd), nomeadamente a p. 34, onde aparece traduzido para inglês uma passagem do *Hino a Aton*, não parece ter sido consultado por Pinto de Lima, mas sim, de facto, a tradução para espanhol de Guillermo de Boladeres Ibern, como ele indica, editada em Barcelona, na Casa Editorial Seguí (1920), sob a designação completa de *Historia de las Naciones: popular, concisa, pintoresca y autorizada relación de cada una de las naciones desde los tiempos más remotos hasta nuestros días*. O contributo de Petrie constava no tomo I.

em *Akhenaton Nebkheperre*, historicamente ocorrida no ano 5 do seu reinado. Não estamos, todavia, perante o nome de Hórus do faraó, como Pinto de Lima menciona, mas dos *Nomen* e *Prenomen* por ele usados nos dois momentos da sua história pessoal e política²⁴. Se bem que os nomes atribuídos a Amenhotep IV estejam corretos, traduzíveis como “Amon está satisfeito, belas são as transformações de Ré, o único de Ré”, o *prenomen* de Akhenaton “Eficaz para Aton” não era “Nebkheperre”, mas sim, também, Neferkheperuré-uaenré, ou seja, não conheceu qualquer modificação. Não se pode responsabilizar o Autor por esta incorreção, mas provavelmente as suas fontes, embora, como não as refere, não saibamos quais eram.

O resto do segundo ensaio é consagrado a referências às manifestações artísticas (alínea *A arte no tempo de Amenhotep IV* do sumário), denotando claramente que o Autor observara em obras especializadas alguns artefactos ou que consultara descrições/ opiniões escritas sobre as mesmas ou as duas coisas:

Encanta-nos a intimidade da família real revelada pelas representações de Ikutaten²⁵ contrastando fortemente com o nulo ambiente familiar que as representações das outras épocas nos revelam. Há mesmo uma representação da rainha sentada, n’uma atitude de gracioso abandono, nos joelhos do rei. (Lima 1925b: 98)

Reafirmando a ideia que já apontara para o hino, Pinto de Lima volta a destacar a noção da «igualdade» do rei e da rainha também observada na arte (“Os retratos do Faraó e da esposa estão feitos segundo as mesmas proporções” — Lima 1925b: 99) e não deixa de comentar as «distorções» das representações humanas amarnianas:

Certamente que as figuras grotescas d’esta época, cabeças estiradas, ventres flácidos, coxas pendentes, pescoços ridículos, são devidos a uma caricatura inconsciente, originada por um excesso de observação. (Lima 1925b: 99)

Nestas referências, o Autor não nos dá, todavia, nenhuma referência bibliográfica que nos ajude a entender em que autor/autores se baseou para as suas observações. Em contraste, o último parágrafo do ensaio é uma tentati-

²⁴ O nome de Hórus de Amenófis IV era *Ka nakht kai-chuti*, «Touro poderoso das Duplas Plumas», e o de Akhenaton, *Meriaton*, «O Amado de Aton» (Beckerath 1999: 142).

²⁵ Designação usada para a cidade de Akhetaton, Tell el-Amarna.

va de explicar a reforma religiosa amarniana, indicando três autores que lhe serviram de referência e correspondentes hipóteses: Maspero, que a vê como uma reação ao domínio tebano; Erman, “o primeiro a aventar a hipótese de que a reforma visava estabelecer uma religião capaz de ser aceite universalmente, tendo um símbolo intuitivo, o disco radiante, permitindo assim a pacífica expansão externa” (Lima 1925b: 100)²⁶; Moret, que defendia a utilização da religião amarniana como elo de ligação pacífico entre os povos, ou seja, ao serviço da política internacional de Amenófis IV (Lima 1925b: 100).

Quando publica o seu terceiro trabalho, Pinto de Lima vai regressar ao tratamento do faraó Amenófis IV, o seu predileto, e fá-lo com a pretensão expressa de, a partir desse exemplo, mostrar o “que há de subjectivo nos juízos históricos” (Lima 1926: 168). Começa com uma constatação sobre a forma como este antigo rei egípcio fora tratado pela historiografia: “A primeira geração dos egiptólogos modernos não lhe foi muito favorável” (Lima 1926: 168), diz ele, arrolando, de seguida, alguns dos «juízos» negativos emitidos, como “eunuco”, “mulher”, “filho de mãe semita”, “fanático dos cultos mono-teístas sírios” e “louco fanático” (Lima 1926: 168, 169). Em contraste, Maspero, Naville, Erman e sobretudo Moret apresentaram uma visão mais positiva sobre este faraó:

Maspero, Naville, Erman, e finalmente Moret, foram-lhe mais favoráveis, principalmente este último, que considera a sua política internacional como uma criação admirável, chocante pela amplitude de vistas, pela beleza das concepções, pelo elevado dos sentimentos. (Lima 1926: 169)

Esta referência é acompanhada por uma nota de rodapé que remete para uma obra de Moret: *Rois et Dieux de l'Égypte*. Uma vez mais, Pinto de Lima é muito devedor da sua leitura de A. Moret, mas, uma vez mais também, não nos dá qualquer informe bibliográfico complementar (nem local de edição, nem data, nem páginas). Sabemos, como vimos, que o trabalho de Moret é datado do ano anterior, 1925, e que foi publicado em Paris, pela Librairie Armand Colin. O nosso Autor revela, porém, que acompanha e que está atualizado no que diz respeito à Egiptologia científica, sobretudo de origem francesa.

Talvez por isso, sente-se apto a estudar Amenófis IV, essa “enigmática personagem” (Lima 1926: 169), optando por uma das duas vias possíveis: ou

²⁶ «Erman» é Adolf Erman (1854-1937), egiptólogo alemão da Escola de Berlim. Pinto de Lima não nos diz, porém, de que obra(s) de Erman se serviu ou se a tese deste autor foi por ele recolhida noutras leituras.

atender à sua vida intelectual, artística, política e moral, determinando as correntes que poderiam ter influenciado o faraó egípcio, ou, partindo do culto solar, “descobrir que elementos estranhos nele se revelam” (Lima 1926: 169). A opção é clarificada: “Adotei este segundo alvitre por mais expeditamente conduzir a um resultado positivo” (Lima 1926: 169).

No seu dissertar sobre Amenófis IV, Pinto de Lima vai abordar a então relevante questão da origem asiática do culto solar a Aton, justificando-se pela origem de “Tii”, a mãe do faraó, e pela afinidade do culto solar atoniano com os cultos monoteístas semitas (Lima 1926: 169). Discorre sobre a filiação de Amenófis IV e de Nefertiti (chamada de “Nofrititi”) e alude às várias controvérsias existentes entre os historiadores, pontuando os seus comentários com notas bibliográficas, acabando por concluir que Nefertiti era, “segundo o velho costume nacional, uma irmã de Amenófis IV” (Lima 1926: 170). Alude aos trabalhos de F. Petrie que considerava a rainha Tiy como síria e que teria trazido consigo para o Egito a devoção a Aton, imbuindo o seu filho dessas crenças até ao fanatismo (Lima 1926: 170). No entanto, conjugando as informações artísticas e arqueológicas disponíveis, Pinto de Lima acaba por aceitar que Tiy era “originária de uma família modesta de Akhnnim. Amenofis teria desposado uma pastora dos seus estados” (Lima 1926: 171).

Esta é, ainda hoje, a ideia dominante no seio da Egiptologia: a rainha Tiy não tinha sangue real; era oriunda de Akhmim, perto de Abidos, no Alto Egito, filha do casal Tuya e Yuya, mas não era, todavia, uma «pastora» ou uma mulher de origens humildes, pois os seus pais eram membros da elite local, que tiveram, aliás, o raro privilégio de serem enterrados no Vale dos Reis (Dodson, Hilton 2004: 144, 145; Grajetzki 2005: 58, 59; Tyldesley 2006: 115)²⁷.

Quanto à ação de Tiy sobre a religiosidade e política do filho, Pinto de Lima, alinhado com os mais atualizados egiptólogos da sua época, não explica o movimento religioso de Amenófis IV em resultado dessa ação materna, nem de uma pretensa influência semita. Antes, filia o culto do disco solar amarniano na própria religião egípcia (Lima 1926: 171).

Para ele, o argumento que aproximava o culto solar egípcio mais dos cultos monoteístas semitas do que da base politeísta egípcia era falacioso. O culto solar atoniano explicava-se pela própria evolução da religião egípcia e ademais esta acomodava duas vertentes: a popular – mais dada à multiplicidade de divindades e de atributos divinos – e a sacerdotal – mais elevada e que alcançou, na sua opinião, “um notável monoteísmo” (Lima 1926: 169), dando como exemplo que o Egípcio antigo “sób o nome de Ptah, Ra ou Amon, adora um único Deus” (Lima 1926: 169).

²⁷ O túmulo de Tuya e Yuya (KV 46) foi descoberto, em 1905, por James E. Quibell, cabendo a Theodore M.

Esta demanda de encontrar um sentido monoteísta ou monoteizante subjacente à antiga religião egípcia leva Pinto de Lima a escrever:

esse deus todo poderoso tinha-se originado a si próprio de toda a eternidade, sendo o único que existe por essência, o único que vive em substância, o único creador do céu e da terra, que não foi creado. Único em essência não é o único em pessoa: é ao mesmo tempo o pai, a mãe e o filho de Deus. Este Deus triplo e uno tem todos os atributos de Deus: a imensidade e a eternidade, a independência e a vontade toda poderosa, a bondade sem limites. Desenvolve eternamente estas qualidades soberanas, ou como se dizia antigamente no velho Egipto, nas suas escolas teológicas cria os seus próprios membros que são os deuses. (Lima 1926: 169, 170)

Na terminologia usada ecoam simultaneamente elementos egípcios e bíblicos, pois se ao “deus todo poderoso” que se originou a si próprio pode estar subjacente ao deus egípcio Atum ou Ré (Sales 2012: 192-197), a menção ao “Deus triplo e uno” parece ser muito devedora do conceito de Trindade. Interessante é a forma como essa divindade una se desmultiplica nos deuses das várias “escolas teológicas” egípcias que, não sendo explicitadas, são facilmente identificáveis: heliopolitana, menfita, hermopolitana e tebana.

Esta ideia forte da análise religiosa egípcia do «uno» e do «múltiplo», muito cara à Egíptologia²⁸, acaba por ser sublinhada por Pinto de Lima pela nota que faz em rodapé, em que praticamente traduz na íntegra as páginas 99 e 100 de Grébaud, na obra de 1874, *Hymne à Ammon-Ra*²⁹.

Eu creio com efeito que o Egipto monoteísta considera os deuses do seu pantheon, como os nomes que um ser único recebia nas suas diversas funções, conservando em cada um com a sua identidade, a plenitude dos seus atributos. Este ser que em si, uno e imutável, mas também misterioso e inacessível às inteligências, não tem nem forma nem nome, revela-se pelos seus actos, manifesta-se nas suas funções, as quaes originam o nascimento d’uma forma divina. Assim se multiplicam as formas do ser que não tem forma, e o deus

Davis a publicação da escavação, em 1907. Até à descoberta do túmulo de Tutankhamon, em 1922, o KV 46 era o mais rico e o mais bem preservado de todos os túmulos do Vale e o primeiro a ser encontrado com a maior parte do seu espólio *in situ* (Grajetzki 2005: 58; Tyldesley 2006: 116).

²⁸ Talvez a expressão mais conhecida desta linha de reflexão seja a obra de Erik Hornung, de 1971, traduzida depois para inglês (1982) e francês (1986).

²⁹ Grébaud 1874.

cujo nome é desconhecido torna-se um multiplicando dos seus nomes. (Lima 1926: 170)

Aflorando a temática do nome no antigo Egito, Pinto de Lima refere o mito egípcio em que “Ísis, para ser superior a todos os deuses procura saber o nome de Ra” (Lima 1926: 170) e acrescenta: “O deus era adorado sob vários nomes aos quais correspondiam diversas representações materiais; mas o nome e a forma verdadeira do Grande Ser do qual emanavam os outros deuses, eram desconhecidos” (Lima 1926: 170). Subjacente a estas passagens está indubitavelmente o mito do poderoso nome secreto de Ré, em que, desejando intimamente apreender o potencial mágico inerente ao nome secreto do pai dos deuses, para o utilizar em todos os seus feitiços e encantos, e, assim, ascender na hierarquia mágico-divina, Ísis traçou um ardiloso estratagema para forçar Ré à revelação do seu verdadeiro nome (Sales 2007: 119-133).

Terminamos a análise do terceiro texto de Pinto de Lima com uma observação sobre a procura de rigor metodológico introduzido no seu trabalho: quando alude à adoração de um único deus sob os nomes de Ptah, Ré ou Amon, faz uma nota de rodapé, em que remete para a “Grébaut, *Hymne à Amon-Ra*; pag. 14”, e acrescenta a transcrição aí encontrada e respetiva tradução para português:

ati (nx) (u)t'a s (enb) neb nuter-u neb-u kemeh-fsu heri xu-t heri pat-u anker ámen ren-f/r mesu-f m ren-f pu n amen. Príncipe supremo, senhor dos deuses todos que se faz vêr no horizonte, chefe dos seres de Ager, misterioso é o seu nome mais que os seus nascimentos: é no seu nome de Amen. (Lima 1926, 169, nota 1)

Não temos qualquer informação que nos demonstre que Pinto de Lima sabia ler os hieróglifos egípcios e fazer transliterações ou transcrições. Pensamos que não. No entanto, observou-os de perto na obra manuscrita de Eugène Grébaut.



ati (nx) (u)t'a s (enb) neb nuter-u neb-u
 kemeh-fsu heri xu-t heri pat-u anker ámen
 ren-f/r mesu-f m ren-f pu n amen»

Principe supremo, senhor dos deuses todos
 que se faz vêr no horizonte, chefe dos seres
 de Ager, misterioso é o seu nome mais que
 os seus nascimentos: é no seu nome de
 Amen.

Fig. 13. Página 14 da obra manuscrita de Eugène Grébaut, *Hymne à Ammon-Ra des papyrus égyptien du Musée de Boulaq*. Paris, 1874, e transcrição e tradução de Humberto Pinto de Lima 1926, 169, p. 1.

Seguramente, a transcrição que usou não era/não foi totalmente inteligível para ele. A passagem para a letra impressa da revista *Diónyssos* denota, além disso, lapsos e confusão de alguns signos. Provavelmente nem sequer foi sensível às anotações dos sinais diacríticos infra-lineares usados por Grébaut ou então não os conseguiu ou pôde reproduzir de forma impressa, mas a inclusão das transcrições significa, em nossa opinião, por um lado, a consciência que teve da sua importância no âmbito do trabalho egíptológico e, por outro, a confirmação do nível de minúcia a que descia a sua consideração e leitura dos egíptólogos estrangeiros. Tudo isto abona a favor do "rigor científico-metodológico" do professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Considerações finais

Os três aliciantes trabalhos de Humberto Pinto de Lima, de 1925 e 1926, na revista *Diónysos*, apresentam consistentes desenvolvimentos de temas egiptológicos, claramente estimulados pelas descobertas do túmulo de Tutankhamon, em 1922, justificativos, aliás, da designação genérica que os agrega: *Descobertas modernas no Egípto*.

A forma aprofundada como capta determinadas problemáticas inerentes ao tratamento do assunto que elegeram, a preocupação de anotar em rodapé os seus comentários, que remetem para alguns importantes egiptólogos da época, sobretudo de cultura francesa, e a forma metodologicamente rigorosa que intenta conferir às suas abordagens, fazem destes ensaios fascinantes dissertações sobre a antiga civilização egípcia.

Particularmente atraído por Amenófis IV em detrimento de Tutankhamon, Pinto de Lima foi muito sensível à questão do culto solar atoniano e não resistiu, por isso, a uma análise aprofundada das origens e motivações deste culto e, socorrendo-se de egiptólogos de relevo do seu tempo, a traduzir para português o fundamental *Hino a Aton*. Talvez tivesse consciência que era o primeiro a fazê-lo, mas não podia, contudo, evidentemente, perceber que passaria mais de meio século até que, de novo, com intuítos académicos, o mesmo texto viesse a ser traduzido entre nós³⁰. Mais não fosse, só por esse facto, Humberto Pinto de Lima e a revista *Diónysos* merecem o nosso destaque.

Apêndice

Hino ao Sol

- Explendido é o teu despertar no horizonte celeste, ó Aten, deus vivo.
- Princípio da vida tu surges no Oriente, enchendo a terra com a tua beleza.
- Tu és esplendido, grande, radioso, dominas a região.
- Teus raios envolvem o Universo e tudo quanto criaste.
- Como Ra trazes o necessário às tuas criaturas.
- Dardejas teus raios sobre a terra e o dia segue os teus passos.
- Visto que és Ra criador, possuis o que ela (as terras) produzem, e prendes tudo nos laços do teu amor.

³⁰ São os casos das traduções de Lopes 1989: 165-169; Sales 1999: 76-78; Carreira 2004: 258-261 e Araújo 2005: 97-102. Todos estes autores, como Pinto de Lima, usaram preferencialmente versões francesas e inglesas como base para as suas traduções. A primeira tradução a partir do hieroglífico será feita por Carreira 2008.

- Quando repousas no Horizonte ocidental, a terra nas trevas, é como os mortos nas suas criptas, as cabeças enfaixadas, as narinas tapadas, os olhos sem vista.
- Todos os bens lhes podem ser roubados mesmo aqueles que estão sobre as suas cabeças, sem que o sintam.
- Então todo o leão sai da sua caverna, toda a serpente morde.
- Fica escuro como um forno, a terra cala-se.
- Aquele que tudo criou repousa no seu horizonte.
- A terra ilumina-se quando te ergues no horizonte, brilhante como Aten no dia.
- A escuridão desaparece ao lançares os teus raios; as duas terras regozijam-se todos os dias.
- Os homens erguem-se sobre os seus pés porque tu surges.
- Lavam os seus membros, retomam os seus vestuários, as suas mãos adoram o teu alvorecer, e fazem os seus trabalhos na terra.
- Todos os animaes vão para as suas pastagens, as arvores e plantas crescem, os pássaros voam nos bosques, as asas planas adorando o teu duplo, os animais saltam.
- Quando te levantas para eles os pássaros escondidos, voltam.
- Os barcos descem e sobem o rio porque todo o caminho abre-se com a tua aparição.
- Os peixes saltam para ti, e os teus raios penetram o Grande Verde (Mediterranio).
- É ele que suscita o gérmen das mulheres, e cria o poder gerador dos homens.
- É ele que anima a criança no seio materno, e que acalma a criança para que ela não chore.
- Nutre-a pelo seio (de sua mãe) dá a respiração para animar tudo quanto criou.
- Quando a criança sai do seio materno no dia do seu nascimento, abre a sua boca para as palavras, e satisfaz as suas necessidades.
- Quando os pássaros estão nos ovos – um suspiro na pedra – dá-lhes a respiração dentro da casca para que eles vivam.
- Quando tu o desenvolveste tanto para partir o ovo, ele sai, para gritar a sua existência, e anda sobre os seus pés logo que sai.
- Como são numerosas as tuas obras!
- Elas não podem ser alcançadas com a nossa vista, ó Deus único e sem rival!
- Criaste a terra no teu coração, quando eras só, os homens, os animaes domésticos e os animais selvagens, e tudo o que anda, e tudo o que está no alto e voa com as suas asas, os paizes estrangeiros (Khast), da Síria (Kharu), da Núbia (Kush) e do Egipto (Qemt).
- Tu põis cada homem no seu lugar, criando o que lhe é necessário, cada um com seu património e seus bens, com a sua linguagem verdadeira, a sua forma e a sua côr de pele própria.
- Tu o senhor da escolha, distinguiste de nós as raças estrangeiras.
- Tu criaste o Nilo no abismo, e tu o conduzes á tua vontade para que ele faça viver os homens.
- Tu fizeste viver também as nações afastadas.
- Colocaste um Nilo no ceu, que desce para eles (a chuva).
- Criaste lagos grandes como mares, nas montanhas, tu inundas os campos nos seus ter-

ritórios, tu alimentas cada região.

- O Nilo do céu é para as nações estrangeiras e para os animais selvagens, mas o Nilo que vem do Abismo é para o Egípto.
- Tu fazes produzir todas as tuas obras nas estações do ano.
- Fizeste o céu longínquo para elevar-te nele e veres tudo o que produziste quando estavas sós.
- Tu despertas na forma de Aten vivo, tu ergues-te esplendoroso, tu desapareces e voltas.
- Criaste todas as formas, tu isolado, os nomes [sic], as cidades, os campos, as estradas, as águas.
- Todos os olhos te contemplam no alto, porque tu és o deus único, que reuniu as suas formas á do disco vivo, sol levante, brilhante, que desaparece e surge de novo e todas estas formas existem em ti, deus único.
- Tu estás no meu coração; não ha ninguém que te compreenda, a não ser eu, teu filho.
- Tudo o que corre sobre os teus pés, desde que lançaste os fundamentos da terra, tu produziste tudo para teu filho, saído da tua essencia, o rei do Sul e do Norte, que vive na verdade, o senhor das duas coroas, Khunaten, grande em duração, e para a grande esposa rial, que ele ama, a senhora dos dois paizes, que vive e prospera para sempre e jámais.

Bibliografia

- ARAÚJO, Luís Manuel de (2005). *Mitos e lendas do antigo Egípto*. Lisboa: Centralivros.
- BECKERATH, Jürgen von (1999). *Handbuch der ägyptischen Königsnamen*. Mainz: Verlag Philipp von Zabern.
- BIERBRIER, Morris L. (1995). *Who was who in Egyptology*. Londres: Egypt Exploration Society.
- CARREIRA, Paulo (2004). “Textos da religião de Aton”, *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*, Ano III, n.º 5/6, 231-262.
- CARREIRA, Paulo (2008). *Akhenaton, uma perspectiva teo-histórica*. Lisboa: Faculdade e Letras da Universidade de Lisboa (tese de Mestrado).
- CHAMPOLLION, Jean-François (1835). *Monuments de l'Égypte et de la Nubie d'après de dessins exécutés sur les lieux sous la direction de Champollion le jeune et des descriptions autographes qu'il a laissées*, vol. II, Paris: Firmin-Didot.
- DODSON, Aidan, HILTON, Dyan (2004). *The complete royal families of Ancient Egypt*. Cairo: The American University in Cairo Press.
- GRAJETZKI, Wolfram (2005). *Ancient Egyptian Queens. A hieroglyphic dictionary*. Londres: Golden House Publications.
- GREBAUT, Eugène (1874). *Hymne à Ammon-Ra des papyrus égyptien du Musée de Boulaq*. Paris: Librairie A. Franck.
- GOMES, Augusto Patrini Menna Barreto (2011). “Decadência e História em Oswald Spengler”, *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho, 1-16.

- GOYON, Jean-Claude (1989). *Lettre à M. Dacier par Jean-François Champollion suivie de La Bataille des Hiéroglyphes*. Montpellier: Fata Montana.
- HORNUNG, Erik (1971). *Der Eine und die Vielen: Altägyptische Götterwelt*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- HORNUNG, Erik (1982). *Conceptions of God in Ancient Egypt: The One and the Many*. Ithaca: Cornell University Press.
- HORNUNG, Erik (1986). *Les dieux de l'Égypte. Le Un et le Multiple*. Monaco: Éditions du Rocher.
- LACERDA, Aarão (1928). “Notas Históricas e Arqueológicas – 1. Guilherme Worringer e a Cultura Egípcia/ 2. Novas Descobertas no Egito”, *Diónyssos*, 4.^a Série, n.ºs 1-2, abril, 42-48.
- LIMA, Pinto (1925a). “Descobertas modernas no Egito. Quem era Tutankhamen – I Parte. O Egito e Amenofis IV”, *Diónyssos*, 3.^a série, n.º 2, julho, 33-37.
- LIMA, Pinto (1925b). “Descobertas modernas no Egito. Quem era Tutankhamen – I Parte. O Egito e Amenofis IV”, *Diónyssos*, 3.^a série, n.º 2, outubro, 95-100.
- LIMA, Pinto (1926). “Descobertas modernas no Egito. Quem era Tutankhamen – I Parte. O Egito e Amenofis IV”, *Diónyssos*, 3.^a série, n.º 3, maio, 168-172.
- LOPES, Maria Helena Trindade (1989). *O homem egípcio e sua integração no Cosmos*. Lisboa: Teorema.
- MORET, Alexandre; DAVY, Georges (1923). *Des Clans aux Empires : l'organisation sociale chez les primitifs et dans l'Orient ancien*. Paris: La Renaissance du Livre.
- PINA, Luís de (1966). “Faculdade de Letras do Porto (Breve História)”, *Cale. Revista da Faculdade de Letras do Porto*, vol. I, 59-172.
- SALES, José das Candeias (1999). *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egito antigo*. Lisboa: Editorial Estampa.
- SALES, José das Candeias (2001). “Champollion”, in Luís Manuel de Araújo (dir.), *Dicionário do Antigo Egito*. Lisboa: Editorial Caminho, 198-199.
- SALES, José das Candeias (2007). *Estudos de Egiptologia. Temáticas e Problemáticas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SALES, José das Candeias (2012). “Diálogo teológico-cosmogónico egípcio”, *Revista Lusófona de História das Religiões*, Ano X – n.º 16/17, 193-232.
- SILVA, Agostinho da (1928). “Sobre algumas páginas de Spengler”, *Diónyssos*, 4.^a série, n.ºs 1/2, abril, 1-15.
- TYLDESLEY, Joyce (2006). *Chronicle of the queens of Egypt from early dynastic times to the death of Cleopatra*. London: Thames and Hudson.
- WILKINSON, John Gardner (1878). *The manners and customs of the Ancient Egyptians*, vol. I. New York: Dodd, Mead and Company Publishers.